

AS ESTRATÉGIAS TEXTUAIS DE ELABORAÇÃO DE IMAGEM SOCIAL EM DEPOIMENTOS DE ORKUT

*Lorena Santana Gonçalves**

Resumo: Nesta pesquisa, tratamos da relação entre a (re)categorização de objeto de discurso e a construção de imagem social em depoimentos de Orkut. Nesse contexto, a categorização é entendida como um importante elemento da linguagem, que contribui com a representação da imagem social. Para entender questões relacionadas à imagem pública, nos apoiamos em teorias pragmáticas que desenvolvem esse tema a partir da noção de face e polidez linguística. Autores fundamentais para nós são Goffman (1980, 1992), Lakoff (1973, 1975), Leech (1983) e Brown & Levinson (1975). Na esteira desse estudo, para entender questões relacionadas à referenciação e à construção de objeto de discurso, damos enfoque a Mondada & Dubois (2003), Koch (2004, 2005b, 2008a, 2008b), Marcuschi (2007, 2008) e Cavalcante (2011). A partir da interface desses dois campos de estudo, propomos a análise da construção de face positiva em depoimentos de Orkut.

Palavras-chave: Construção de face; Categorização de objeto de discurso; Gênero textual; Depoimentos de Orkut.

Abstract: This paper focuses on the relationship between the (re)categorization of the object of the discourse and the social image building in Orkut testimonials, in which the categorization is considered an important language feature that contributes to the representation of the social image. To understand the issues related to public image, this study presents an overview of some literature regarding Pragmatic theories which deal with this theme considering the face claim and linguistic politeness, such as Goffman (1980, 1992), Lakoff (1973, 1975), Leech (1983) and Brown & Levinson (1975). It is also highlighted some authors who has provided the field of Textual Linguistic research with remarkable insights into the concepts of referral and the construction of the discourse object: Mondada & Dubois (2003), Koch (2004, 2005b, 2008a, 2008b), Marcuschi (2007, 2008) and Cavalcante (2011).

Keywords: Face claim; Categorization of the discourse object; Text genre; Orkut testimonials.

Para estudiosos da linguística textual, como Marcuschi (2007), as palavras não possuem por si sós uma dimensão semântica, pelo contrário, seus sentidos apenas são possíveis a partir de um entorno sociocognitivo-pragmático. Nesse sentido, “o mundo comunicado é sempre fruto de uma ação cognitiva e não de uma identificação de realidades discretas apreendidas diretamente”. (MARCUSCHI, 2007, P. 64). É nessa perspectiva que

* Mestre em Estudos Linguísticos, UFES, Vitória, Espírito Santo, Brasil. E-mail: ls.goncalves@hotmail.com

Cavalcante et al. (2010) defendem o abandono da visão de texto como uma superfície que conduz ao discurso, em favor do texto indissociável ao discurso, definido pelo uso. Conseqüentemente, “são também indissociáveis do texto as relações culturais, sócio-históricas, em processos intercognitivos, considerados sob uma perspectiva de cognição interacionalmente situada” (CAVALCANTE et al., 2010, p. 227).

Dado que o texto é definido pelo uso, acompanhamos o postulado textual-discursivo de linguagem não referencial em que se admite uma instabilidade na relação entre palavras e coisas resultante das ações de sujeitos em determinados contextos interacionais: os sujeitos categorizam o mundo de acordo com suas formas de percepção e reação; portanto, ao enunciar, eles fornecem informações a seu próprio respeito.

Nessa perspectiva, delineamos o nosso pressuposto neste artigo: acreditamos que a (re)categorização é um importante elemento da linguagem que contribui com a representação da imagem social. Ao categorizar um objeto de discurso, o indivíduo age de forma subjetiva, portanto oferece informações de si mesmo, que corroboram com a formação de sua imagem social.

No que se refere à imagem social, sabe-se que seu estudo foi abordado por diversos campos – dentre eles, a Retórica, a Psicologia, a Sociologia, a Antropologia e a Linguística –, e foi absorvido da Filosofia da Linguagem pela Pragmática a partir do trabalho do sociólogo Erving Goffman, na linha da etnografia da fala, dando origem à Teoria da Polidez.

Para Goffman (1980, 1992), os indivíduos, quando interagem, emitem um conjunto de atos verbais e não verbais para manifestarem um ponto de vista acerca de determinado assunto; com isso, fornecem impressões de si mesmos, de modo a construir junto de seus parceiros uma imagem pública. No entanto, pelo fato de ter sido desenvolvido com base numa relação face a face, tal estudo não inclui um fenômeno sociolinguístico bastante atual: a Internet, que, com seu surgimento, proporcionou o aparecimento de novos meios de interação e, por consequência, novos gêneros textuais.

De acordo com Crystal (2005, p. 76), “a aquisição da Internet pelo público foi o terceiro elemento que contribuiu para o caráter linguístico revolucionário da década de 1990”, visto que proporcionou uma alternativa nova à comunicação humana: permite a interação entre mais de uma pessoa, por meio não concreto, em tempo real. Essa virtualização das interações é uma forma de “*desterritorializar* o presente, de trazer uma

unidade de tempo sem uma unidade de lugar” (LÉVY, 2000, p. 11). Nesse sentido, podemos entender a Internet como um veículo eletrônico, global e interativo que, devido a essas características, em especial pelo caráter eletrônico (Cf. CRYSTAL, 2005), apresenta consequências em seu tipo de linguagem, cuja

escrita continua essencial apesar da integração de imagens e som. Por outro lado, a idéia que hoje prolifera quanto a haver uma “fala por escrito” deve ser vista com cautela, pois o que se nota é um hibridismo mais acentuado, algo nunca visto antes, inclusive com o acúmulo de representações semióticas. (MARCUSCHI, 2002b, p. 6).

Nesse contexto, entendemos a Internet como um novo enquadre sociocognitivo, com impactos tanto na vida social, quanto na linguagem, devido às diversas possibilidades de interação e às novas formas de organizar e administrar os relacionamentos interpessoais. Assim, o meio eletrônico oferece diferentes especificidades sociocomunicativas que uma interação face a face não oferece, como a participação em *websites* sociais, como os *blogs* e os *chats* virtuais, redes de relacionamentos, etc.

Dentre esse amplo leque de gêneros presentes na Internet, damos enfoque ao depoimento, veiculado no site de relacionamentos Orkut. Para isso, deixamos claro aqui que, a partir da definição de Marcuschi (2003), adotamos o Orkut como um suporte, uma vez que “abriga” vários gêneros, dentre eles, o depoimento. Nas palavras do autor, o suporte de um gênero é

um *locus* físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto. Numa definição sumária, pode-se dizer que suporte de um gênero é uma superfície física em formato específico que suporta, fixa e mostra um texto. (MARCUSCHI, 2003, p. 7).

De forma geral, os depoimentos de Orkut são uma forma de interação em que amigos do dono do perfil, por vontade própria, criam textos cuja construção se dá por atos de salvamento de face (BROWN & LEVINSON, 1987), sem que antes tenha havido uma ameaça à face. Para isso, recorrem a estratégias de processamento textual em que predominam as categorizações de objetos de discurso.

Partimos então do pressuposto de que, em depoimentos de Orkut, há uma construção bidirecional de face: o amigo, entendido aqui como falante (F), não só constrói

a imagem do dono do perfil, seu objeto de discurso (OD), como também constrói a de si mesmo.

Para compreender como se dá a construção de imagem social, dividimos a nossa análise em três categorias, totalizando nove depoimentos: Elogio, Lembranças e Agradecimento. Por questões de espaço, neste artigo apresentaremos a categoria Elogio.

A categoria elogio é composta por depoimentos que exaltam as qualidades consideradas socialmente positivas do dono do perfil. Essas qualidades devem ser condizentes com a representação social do indivíduo, ou seja, com a “atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes alguma influência” (GOFFMAN, 1992, p. 29). Neste caso, a forma como o dono do perfil é reconhecido pela sua rede de amizades virtual.

Quem cria essa modalidade de depoimento, geralmente, visa mostrar que o dono do perfil mantém sua face, que ele é o que apresenta ser; designado, por isso, segundo Goffman (1992), como sincero, pois acredita na impressão criada por sua representação, que condiz com os padrões sociais comuns. Nesse sentido, qualidades e virtudes projetadas pelo dono do perfil são ressaltadas, uma vez que esses atributos são o que definem esse indivíduo socialmente e o fazem ser aceito.

Alguém que demonstra pertencer a uma categoria com atributos incomuns ou diferentes é pouco aceito pelo grupo social, que não consegue lidar com o diferente e, em situações extremas, o converte em uma pessoa má e perigosa, que deixa de ser vista como pessoa na sua totalidade, na sua capacidade de ação e transforma-se em um ser desprovido de potencialidades. Esse sujeito é estigmatizado socialmente e anulado no contexto da produção técnica, científica e humana. (MELO, 2005, p. 1).

Uma vez que o dono do perfil não é estigmatizado, o criador do depoimento utiliza estratégias de polidez, elaboradas por meio de categorizações, para compartilhar no Orkut a imagem que ele construiu do dono do perfil.

Os depoimentos 1, 2 e 3 foram categorizados como Elogio. Note que sua estruturação textual tem como tópico principal descrever de forma laudatória o dono do perfil em terceira pessoa “Ele” ou “Ela”.

Nayara é a pessoa mais inverossímil que já conheci. Às vezes, penso que ela nem existe, que não passa de uma fantasia minha, um delírio. Cinco anos atrás, quando ainda não a conhecia, se me dissessem dela, de como é, de como age e de como pensa; de sua doçura contagiante, visível na meiguice do olhar e na suavidade do sorriso; da sabedoria despreziosa que tem dentro de si e nem sabe que tem; do seu caráter, sua generosidade e, o principal, a solidez de sua dignidade, se me dissessem que havia alguém com todas essas virtudes e nenhum vício, a não ser o de amar desbragadamente, eu diria o óbvio: impossível, uma criatura assim não existe senão no reino da fantasia e dos delírios!

O melhor de tudo é que ela é bem real, mora no meu coração e deixou que eu me instalasse no dela. Te amo, Nayara!

Figure : Depoimento 1
(fonte: www.orkut.com.br)

FLAVIA B.

Hoje ela é uma fotografia de 24 anos em 3D... Parece uma figura em movimento. Ou quem sabe algo que nos exprime uma profunda percepção dentro do que cada olhar curioso pode contemplar. Quero compartilhar com vcs que a Flavinha é praticamente o retrato do mais profundo sonho que alguém pode viver... Pois Caminhar com a amizade dela nos faz perceber que sim. A vida pode ser uma constante apresentação do melhor que a sua alma e Espírito podem exprimir em qualquer oportunidade.

Uau... FALVINHA! Ahaha... Gosto de dizer que ela é o tipo de pessoa em que pra ela o "MUNDO" para. Gente que por si só representa toda a sintonia necessária para que os seus dias sejam intensos ao ponto de influenciar a alegria de quem está com ela... Creio que por é sua vibrante energia de vida que ela estremece todos aqueles que insaciavelmente observam a nobreza de sua personalidade... Pode ser que alguém a traduza como ÚNICA... Ou apenas como muito, mas MUITO ESPECIAL.

Figura : Depoimento 2
Fonte: www.orkut.com.br)

..... : Marina... senhorita sorriso! Fala sério, a moça mais bom-humor do mundo. É uma ótima companhia para os rocks, papos sérios ou sem noção, enfim. Está sendo um prazer conhecê-la melhor, que a nossa convivência seja sempre enriquecedora e divertida. Sucesso e felicidades, beijão Meméééééééééé!

Figure : Depoimento 3
(Fonte: www.orkut.com.br)

Como já afirmamos, nos três depoimentos é recorrente uma construção textual baseada na categorização do referente de forma socialmente positiva, ou seja, por meio de exaltação de qualidades e valores morais conforme uma determinada comunidade. Isso porque, no momento em que terceiros forem ler o depoimento,

se conhecem o indivíduo ou estão informados a respeito dele, em virtude de uma experiência anterior à interação podem confiar nas suposições relativas à persistência e generalidade dos traços psicológicos, como de predizer-lhes o comportamento presente e futuro. (GOFFMAN, 1992, p. 11).

Dessa maneira, os depoimentos se configuram a partir da emissão de atos de fala que corporificam uma representação socializada do OD, isto é, “moldada e modificada para se ajustar à compreensão e às expectativas da sociedade em que é apresentada” (GOFFMAN, 1992, p. 40).

De forma geral, nos três depoimentos é constante a regra da camaradagem (LAKOFF, 1975), que postula a simpatia. Segundo Lakoff (1975), há três regras gerais de polidez:

- (1) regra da formalidade: mantenha distância;
- (2) regra de respeito: dê opções;
- (3) regra da camaradagem: mostre simpatia.

A regra da simpatia essa regra está relacionada às situações informais, em que não há uma hierarquia entre os falantes, portanto, eles se tratam de forma igual, de forma próxima, amiga, por demonstrar intimidade. Isso é nítido no gênero depoimento de forma geral, uma vez que são pessoas próximas ao dono do perfil que escrevem os depoimentos, geralmente, um amigo, irmão, primo, tio, etc. Nessa categoria, o amigo, ao longo do fio discursivo, procura mostrar a sua admiração por *O*, a partir de expressões nominais, que categorizam o objeto de discurso dono do perfil de forma socialmente positiva:

- (I) “Às vezes, penso que ela nem existe, que não passa de *uma fantasia minha, um delírio.*” (Depoimento 1).

(II) “Parece *uma figura em movimento*. Ou quem sabe *algo que nos exprime uma profunda percepção dentro do que cada olhar curioso pode contemplar.*” (Depoimento 2).

(III) “*É uma ótima companhia para os rocks, papos sérios ou sem noção, enfim*. Está sendo um prazer conhece-la melhor, que a nossa convivência seja sempre enriquecedora e divertida.” (Depoimento 3).

Ao analisarmos como funcionam esses depoimentos, que segundo Lakoff (1975) são regidos pela regra da camaradagem, na perspectiva de Leech (1983), entendemo-los como atos ilocucionários, cujo objetivo é a boa relação social entre os interactantes, instaurada a partir de afirmações e descrições sobre o dono do perfil, feitas pelo amigo. Por isso, esses depoimentos são atos de fala colaborativos em que ocorre a polidez positiva (LEECH, 1983), cuja função é maximizar expressões polidas.

Segundo Leech (1983) existem seis máximas que devem ser seguidas para um comportamento educado:

- 1) máxima do tato:
 - a) minimize a expressão de crenças que sugerem custo para o outro;
 - b) maximize a expressão de crenças que sugerem benefício para o outro;

- 2) máxima da generosidade:
 - a) minimize a expressão de benefício para si mesmo;
 - b) maximize a expressão de custo para si mesmo;

- 3) máxima da aprovação:
 - a) minimize a expressão de crenças que expressem desaprovação do outro;
 - b) maximize a expressão de crenças que expressem aprovação do outro;

- 4) máxima da modéstia:
 - a) minimize a expressão de elogio para si próprio;
 - b) maximize a expressão de desaprovação para si mesmo;

5) máxima do acordo:

a) minimize a expressão de discordância entre você e o outro;

b) maximize a expressão de acordo entre você e o outro;

6) Máxima da simpatia:

a) minimize expressão de antipatia de você para o outro;

b) maximize expressão de simpatia de você para o outro.

Nos depoimentos apresentados, portanto, observamos o respeito a duas máximas de Leech (1983) que vogam benefícios para o ouvinte: máxima da aprovação e máxima da simpatia. A máxima da aprovação postula a maximização de expressões que aprovelem ouvinte, no caso, o dono do perfil; e a máxima da simpatia sugere expressões que maximizem a simpatia pelo outro. Nessa categoria, acontece o casamento entre as duas, uma vez que, ao categorizar o dono do perfil de forma positiva, *F* está explicitando sua aprovação por ele, a qual é consequência de admiração e simpatia que tem, ou vice-versa.

(IV) “se me dissessem que havia *alguém com todas essas virtudes e nenhum vício, a não ser o de amar desbragadamente*, eu diria o óbvio: impossível, *uma criatura assim não existe senão no reino da fantasia e dos delírios!*” (Depoimento 1).

(V) “Gosto de dizer que ela é *o tipo de pessoa em que pra ela o “MUNDO” para.*” (Depoimento 2).

(VI) “Fala sério, *a moça mais bom-humor do mundo.*” (Depoimento 3).

Nesse contexto, podemos concluir uma terceira máxima, a do acordo (LEECH, 1983), a qual postula a maximização de acordo entre *falante* e *ouvinte*. Passamos a considerá-la pelo fato de o depoimento ser a corporificação de uma admiração e aprovação do amigo pelo dono do perfil, sendo assim, o dono do perfil concorda com ele e por isso publica em sua página, caso contrário não o faria.

Os depoimentos são construídos de forma a corroborar com a elaboração da imagem socialmente positiva do dono do perfil, isto é, com qualidades do dono do perfil expressas durante interação face-a-face. Nessa perspectiva, em conformidade com Brown & Levinson (1987), afirmamos que nessa categoria, a criação dos depoimentos está relacionada à vontade do dono do perfil de ser aceito, apreciado pelos outros. Podemos afirmar isso, pois ao respeitar as categorias de Lakoff (1973) e as máximas de Leech (1983) já apresentadas, o amigo está construindo sua imagem de forma socialmente positiva, uma vez que ela é constituída a partir de formulações sociais para uma boa e amistosa interação.

De qualquer maneira, sendo um pouco mais específico, podemos observar a formulação da imagem positiva pelas Estratégias de Polidez, definidas por Brown & Levinson (1987). Para esses autores, a face consiste em dois aspectos:

- 1) *face negativa*: é a da reivindicação de territórios, dos desejos pessoais de liberdade de ação e de ausência de imposição;
- 2) *face positiva*: consiste no desejo de que a autoimagem, ou a personalidade seja apreciada e aprovada.

Os autores explicam que o falante pode apresentar os dois tipos de face, construídas de acordo com o “verdadeiro eu” do indivíduo, somado a fatores como o prestígio pretendido e as expectativas em relação à sua imagem pública: se ele deseja ser agradável aos outros, ser aceito; ou se almeja agir livremente, ser independente e não sofrer imposições. Sendo assim, numa interação, geralmente as pessoas cooperam – e também pressupõem a cooperação mútua – para que suas faces sejam mantidas. Nesse sentido, comuns aos três depoimentos são o respeito às estratégias de polidez relacionadas à face positiva, isto é, à imagem do dono do perfil, uma vez que o amigo está exagerando a aprovação e a simpatia pelo ouvinte, tratando-o por marcadores de identidade de grupo e dizendo suas qualidades.

Nos três depoimentos, *F* introduz por nomeação, o objeto de discurso: no depoimento 1, Nayara; no depoimento 2, FLAVIA B; e no depoimento 3, Marina. Segundo Koch (2008b),

quando a introdução se faz por meio de um nome próprio, tem-se apenas a nomeação do objeto. Já no caso de se tratar de uma expressão nominal, opera-se uma primeira categorização do objeto de discurso, o qual, a cada retomada, pode ser mantido como tal ou, então, recategorizado por outras expressões nominais. (KOCH, 2008b, p. 101-102).

Apesar de a nomeação não se tratar de uma categorização, mas apenas a nomeação do OD em questão, na categoria Elogios, ela caracteriza uma estratégia de polidez positiva, em que *F*, para explicitar textualmente a sua proximidade e admiração por *O*, nomeia o objeto de discurso dono do perfil numa tentativa de singularizá-lo enquanto objeto textual.

De forma geral, a construção da imagem do dono do perfil se dá, em grande parte, pelo uso da estratégia de polidez positiva de demonstrar proximidade e admiração, que, por sua vez, se concretizam por meio de formas nominais construtoras do objeto de discurso. Nos quadros a seguir, referentes a cada depoimento, apresentamos melhor essa relação:

Estratégias de Referenciação

Depoimento 1

Categorização do OD dono do perfil, em que a expressão nominal surge no predicativo do sujeito. *Nayara é a pessoa mais inverossímil que já conheci.*

Recategorização do OD “dono do perfil” por Anáfora inferencial. *Às vezes, penso que ela nem existe, que não passa de uma fantasia minha, um delírio.*

Introdução de novos OD’s por Anáfora inferencial, com função de recategorizar o OD “dono do perfil.” *Cinco anos atrás, quando ainda não a conhecia, se me dissessem dela, de como é, de como age e de como pensa; de sua doçura contagiante, visível na meiguice do olhar e na sua suavidade de sorriso; da sabedoria despreziosa que tem dentro de si e nem sabe que tem; do seu caráter, sua generosidade e, o principal, a solidez de sua dignidade,*

Recategorização do OD dono do perfil por rotulação. *se me dissessem que havia alguém com todas essas virtudes e nenhum vício, a não ser o de amar desbragadamente, eu diria o óbvio:*

Recategorização do OD dono do perfil por rotulação. *impossível, uma criatura assim não existe senão no reino da fantasia e dos delírios!*

Recategorização em que a expressão nominal surge no predicativo do sujeito. O melhor de tudo é que *ela é bem real*, mora no meu coração e deixou que eu me instalasse no dela, Te amo, Nayara!

Quadro : Estratégias de Referenciação no depoimento 1

Estratégias de Referenciação	Depoimento 2
Categorização do OD “dono do perfil” em que a expressão nominal surge no predicativo do sujeito.	FLAVIA B. Hoje ela é <i>uma fotografia de 24 anos em 3D...</i>
Recategorizações do OD “dono do perfil” em que a expressão nominal surge no predicativo do sujeito.	Parece <i>uma figura em movimento</i> . Ou quem sabe <i>algo que nos exprime uma profunda percepção dentro do que cada olhar curioso pode contemplar</i>
Recategorização do OD “dono do perfil” em que a expressão nominal surge no predicativo do sujeito.	Quero compartilhar com vcs que a Flavinha é praticamente <i>o retrato do mais profundo sonho que alguém pode viver...</i> Pois Caminhar com a amizade dela nos faz perceber que sim. A vida pode ser uma constante apresentação do melhor que a sua alma e Espírito podem exprimir em qualquer oportunidade.
Recategorização do OD “dono do perfil” em que a expressão nominal surge no predicativo do sujeito.	Uau...FALVINHA! Ahaha... Gosto de dizer que <i>ela é o tipo de pessoa em que pra ela o “MUNDO” para.</i>
Recategorização do OD “dono do perfil” por Anáfora inferencial.	<i>Gente</i> que por si só representa <i>toda a sintonia necessária para que os seus dias sejam intensos ao ponto de influenciar a alegria de quem está com ela...</i>

(1) Introdução de OD's por Anáforas inferenciais, com função de recategorizar o OD “dono do perfil.”

(2) Recategorizações por Anafóras inferenciais, com função de recategorizar o OD “dono do perfil.”

(1) Creio que por *é sua vibrante energia de vida que ela* estremece todos aqueles que insaciavelmente observam *a nobreza de sua personalidade...* (2) Pode ser que alguém a traduza como *ÚNICA...* Ou apenas como *muito, mas MUITO ESPECIAL.*

Quadro : Estratégia de Referenciação no depoimento 2

Estratégia de Referenciação	Depoimento 3
Categorização do OD “dono do perfil” por expressão nominal anafórica.	<i>Marina... senhorita sorriso!</i>
Recategorização do OD “dono do perfil” por Anáfora inferencial.	Fala sério, <i>a moça mais bom-humor do mundo.</i>
Recategorização do OD “dono do perfil”, em que a expressão nominal surge no predicativo do sujeito.	<i>É uma ótima companhia para os rocks, papos sérios ou sem noção, enfim. Está sendo um prazer conhece-la melhor, que a nossa convivência seja sempre enriquecedora e divertida. Sucesso e felicidades, beijão Memééééééééé!</i>

Quadro : Estratégia de Referenciação no Depoimento 3

A partir da observação desses três depoimentos, podemos afirmar, em conformidade, com Koch (2008b), que tanto a categorização, quanto a recategorização de um objeto de discurso apresentam uma função argumentativa. No caso dos depoimentos, o falante procura apresentar novas qualificações do seu objeto, procurando situá-lo em novas categorias, conforme o seu projeto de dizer, que é a elaboração da imagem pública do dono do perfil.

O emprego das formas nominais anafóricas como forma de recategorização do objeto de discurso opera conforme os propósitos discursivos do amigo que cria o depoimento, portanto elas só fazem sentido no interior do texto, em que, neste caso, se

busca compartilhar opiniões, juízos sobre uma determinada pessoa, com um público do qual se espera uma concordância; por isso, o texto é elaborado em conformidade com pensamentos comuns de um determinado grupo. Note que, para conseguir a concordância dos leitores, *o amigo* não só centra-se no ouvinte para salvar a face dele a partir das estratégias de polidez positiva apresentadas; ele também – porém raramente – pode ameaçar a sua própria face ou a do ouvinte (BROWN & LEVINSON, 1987), como no depoimento 1, em que apresenta ameaça à face do falante. A fim de listar todas as qualidades da dona do perfil por meio de recategorizações, num ato de polidez positiva, *o amigo* ameaça à sua própria face positiva. Ao se assumir pessimista quanto a tantas qualidades de Nayara, *F* está confessando um defeito de sua própria personalidade.

(30) “Cinco anos atrás, quando ainda não a conhecia, se me dissessem dela, de como é, de como age e de como pensa; de sua doçura contagiante, visível na meiguice do olhar e na suavidade do sorriso; da sabedoria despretensiosa que tem dentro de si e nem sabe que tem; do seu caráter, sua generosidade e, o principal, a solidez de sua dignidade, se me dissessem que havia alguém com todas essas virtudes e nenhum vício, a não ser o de amar desbragadamente, eu diria o óbvio: impossível, uma criatura assim não existe senão no reino da fantasia e dos delírios!”

Essa estratégia interacional de ameaçar a própria face positiva contribui então com a progressão do texto. Isso porque, é nessa ameaça de face que *o amigo* rotula toda uma enunciação (em negrito) com a expressão “todas essas virtudes”, para, com ela, recategorizar o OD com a expressão “alguém com todas essas virtudes e nenhum vício, a não ser o de amar desbragadamente” e, assim, emitir uma ato de polidez positiva.

Com a rotulação, *o amigo* encaminha a progressão textual, uma vez que os rótulos são formas de conduzir seu o ponto de vista, auxiliando na sua argumentação quanto ao seu objeto de discurso. A partir da análise dessas (re)categorizações, podemos afirmar que as escolhas lexicais

caracterizam-se por operar uma seleção, dentre as diversas propriedades caracterizadoras de um referente – reais co(n)textualmente determinadas ou intencionalmente atribuídas pelo locutor –, aquelas que, em dada situação de interação, são relevantes para o propósito do locutor”. (KOCH & ELIAS, 2006, p. 132).

Essas escolhas lexicais corporificam estratégias de polidez positiva utilizadas como uma forma de fomentar a face positiva do dono do perfil, e, conseqüentemente, a própria face do falante. Sobre isso, acreditamos que

a face dos outros e a própria face são construtos da mesma ordem; são as regras do grupo e a definição da situação que determinam a quantidade de sentimento ligado à face e como esse sentimento deve ser distribuído entre as faces envolvidas. (GOFFMAN, 1992, p. 77).

Referências

ARAÚJO, J. C; BIASI-RODRIGUES, B. (Org.). Palavras Iniciais. In: _____. **Interação na Internet: novas formas de usar a linguagem**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 13-14.

BROWN, P.; LEVINSON, S. Universals in language usage: Politeness phenomena. In: GOODY, E. N. **Questions and politeness: Strategies in social interaction**. Cambridge: Cambridge University Press, 1978. p. 56-289.

CAVALCANTE, M. M. **Referenciação: sobre coisas ditas e não ditas**. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

_____. et al. Dimensões textuais nas perspectivas de abordagem do texto. In: BENTES, A. C.; LEITE, M. Q. (Org.). **Linguística de texto e análise da conversação: panorama das pesquisas no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 225-261.

COSTA, M. A. M. da; MELO, L. A. Polidez e Impolidez: Um levantamento histórico do seu estudo. **Anais do XI Encontro Regional dos Estudantes de Letras**. Feira de Santana, 2009. Disponível em: <http://www.uefs.br/ere12009/anais/luanamelo_marcelocosta.doc>. Acesso em: 18 de Março de 2011.

GOFFMAN, E. A elaboração da face: uma análise dos elementos rituais na interação social. In: FIGUEIRA, S. A. (Org.). **Psicanálise e ciências sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.

_____. **A representação do eu na vida cotidiana**. Tradução de Maria Célia Santo Raposo. Petrópolis: Vozes, 1992.

KASTRUP, V. Novas tecnologias cognitivas: o obstáculo e a invenção. In: PELLANDA, N.; PELLANDA, E. (Org.). **Ciberespaço: um hipertexto com Pierry Lévy**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000, p. 13-20.

KOCH, I. **Introdução à Linguística textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2005b.

_____. **As tramas do texto**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008a.

_____. Como se constroem e reconstroem os objetos de discurso. **Revista Investigações: Linguística e Teoria Literária**. Recife. UFPE. v.21. n. 2. Julho, 2008b.

_____.; ELIAS, V. M. **Ler e compreender os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2006.

LAKOFF, R. The logic of Politeness; or, minding your p's and q's. **Papers from the 9th Regional Meeting**. Chicago: Linguistics Society, 1973, p. 292-305.

LEECH, G. **Principles of pragmatics**. London: Longman, 1983.

LÉVY, P. **O que é virtual**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 2001.

MARCUSCHI, L. A. A questão do suporte dos gêneros textuais. **Língua, linguística e literatura**, João Pessoa, v. 1, n.1, p. 9-40, 2003. Disponível em <http://www.sme.pmmc.com.br/arquivos/matrizes/matrizes_portugues/anexos/texto-15.pdf>. Acesso em: 25 de agosto de 2011.

_____. Anáfora indireta: p barco textual e suas âncoras. In: KOCH, I. G. V; MORATO, E. M. M.; BENTES, A. C.(Orgs.). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005b. p. 53-101.

_____. **Cognição, linguagem e práticas interacionais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MELO, Z. M. de. **Os estigmas: a deterioração da identidade social**. UNICAP, 2005. Disponível em: <<http://www.sociedadeinclusiva.pucminas.br/anaispdf/estigmas.pdf>>, acesso em Julho de 2008.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. et al. **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003, p. 17-52.

OLIVEIRA, T. P. de. Polidez e Linguagem: Perspectivas. **Revista Signótica**. v. 16, n. 2. Goiás, Programa de Pós graduação em letras e linguística da UFG, 2004. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/sig/article/view/3746>>. Acesso em: Janeiro de 2012.

PRIMO, A. F. T. A emergência das comunidades virtuais. In: **Intercom 1997 - XX** Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Santos, 1997. Disponível em: <http://www.pesquisando.atravesda.net/comunidades_virtuais.pdf>. Acesso em: 10 de março de 2011.

TAVARES, R. R. **A negociação da imagem na pragmática:** por uma visão sociointeracionista da linguagem. Maceió: EDUFAL, 2007.